

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

NO ALTO DA SERRA

ÁLVARO CARDOSO GOMES

ea

editora ática

No alto da serra

© Álvaro Cardoso Gomes, 2008

Gerente editorial

Editor

Editora assistente

Seção "Outros olhares"

Coordenadora de revisão

Revisora

Claudia Morales

Fabrizio Waltrick

Malu Rangel

Thiago Moraes Fernandes Cruz

Ivany Picasso Batista

Cláudia Cantarin

ARTE

Editor

Diagramadora

Editoração eletrônica

Pesquisa iconográfica

Ilustrações

Vinicius Rossignol Felipe

Thatiana Kalaes

Hey Bro design

Sílvio Kligin (coord.)

Fido Nesti

Samuel Casal (caricatura)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G612n

Gomes, Álvaro Cardoso, 1944-

No alto da serra / Álvaro Cardoso Gomes ; [ilustração Fido Nesti]. -
São Paulo : Ática, 2010.

144p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém apêndice e suplemento

ISBN 978-85-08-12663-7

1. Queirós, Eça de, 1845-1900. A cidade e as serras – Literatura
infantojuvenil. I. Nesti, 1971. II. Título. III. Série.

09-2933

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12663-7 (aluno)

ISBN 978 85 08 12664-4 (professor)

Código da obra CL 736873

2014

1ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2010

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



UM LIVRO QUE ATRAVESSA OS SÉCULOS

Ao escrever *A cidade e as serras* no começo do século XX – o livro foi publicado postumamente em 1901 –, Eça de Queirós vai na contramão dos sentimentos de sua época. A crítica à sociedade urbanizada, desenvolvida, que conta com a tecnologia a serviço do homem, parece descabida naquele momento de euforia moderna e burguesa. Pensava-se: um escritor que satiriza o progresso só poderia querer ser taxado de arcaico, de passadista. Ou, no mínimo, procurava uma desculpa para defender o atraso rural em que Portugal de então se encontrava.

O tempo, porém, veio trazer cada vez mais atualidade ao tema central de *A cidade e as serras*. Isso porque, mais do que o antagonismo entre a cidade e o campo, entre o urbano e o rural, o que Eça de Queirós parece querer prevenir são os descaminhos a que o culto cego à modernidade pode levar. Descaminhos que, de fato, foram comprovados algumas décadas mais tarde, com o agravamento da diferença de classes, com o abismo social e com a barbárie estabelecida pelo sistema capitalista.

Frente a esse cenário, *A cidade e as serras* ganha importância não apenas no cenário literário, mas como documento de um período histórico – e, devido à sua atualidade, também se transforma em uma espécie de oráculo das mudanças sociais que ocorreram nos últimos séculos.

A narrativa que começa nas próximas páginas, escrita por Álvaro Cardoso Gomes, revisita o clássico de Eça de Queirós e atualiza ainda mais algumas de suas principais questões. Ao acompanhar a aventura de João Fernando, Jayme, Nando e Lucinha é possível refletir sobre como vivemos em uma sociedade na qual o valor supremo é tudo o que o dinheiro pode comprar; uma sociedade automatizada, na qual os indivíduos não têm tempo (e, muitas vezes, nem interesse) para interagir com o próximo e com o mundo natural. Em tempos de atenção e de cuidados com o meio ambiente, discutir o impacto das metrópoles na natureza, criando consciência acerca desse tópico, é de extrema necessidade – e um grande exercício de cidadania.

Certamente, todos esses assuntos vão permear a leitura da narrativa que se inicia a seguir. Que ela seja feita com o espírito curioso e ávido por descobrir surpresas, estando elas entre as novidades altamente tecnológicas... ou extremamente rústicas e naturais.

Os editores

SUMÁRIO

1	Os três mosqueteiros.....	9
2	O incrível caso “Jayme e Jacinto”.....	16
3	Mais semelhanças.....	25
4	As maravilhas do mundo moderno.....	31
5	A viagem.....	40
6	Primeiras providências.....	50
7	Lendo para meus amigos.....	59
8	A primeira expedição.....	68
9	A pescaria.....	79
10	Escrúpulo moral.....	90
11	Mal-estar.....	104
12	Febre.....	113
13	Em recuperação.....	117
14	A grande surpresa.....	129
	Outros olhares sobre <i>A cidade e as serras</i>.....	135





• 1 •

Os três mosqueteiros

Nos últimos dias do mês de junho, quando ninguém mais estava pensando em aulas, em estudar ou em fazer provas, tivemos uma bela surpresa. É que a professora Nina inventou de pedir para a gente ler *A cidade e as serras*, do Eça de Queirós, durante as férias. E não adiantou nada o pessoal reclamar:

– Mas, profe, a gente tá cansado de tanto estudar, e a senhora vem passando tarefa pras férias! Isso não é justo...
– choramingou a Maria Estela.

– O vestibular é só no ano que vem! A gente pode ler essa droga no segundo semestre! – protestou o Marcelo.

A professora Nina esperou a poeira baixar. Depois, nos encarou com aquele olhar divertido, muito próprio dela, e disse:

– Nada disso: o vestibular está aí! Quero começar o segundo semestre com essa leitura pronta para podermos trabalhar. Depois, não custa nada manter a cabeça ocupada com uma coisa útil durante as férias!

E ela ainda completou, dando uma risada:

– Afinal, vocês não vão querer ficar trinta dias só tomando sol, surfando e indo nas baladas, não é?

Muito indignado o Nando virou para mim, quase quebrando a carteira com o peso do seu corpo:

– Surfando, indo nas baladas, mergulhando, praticando rapel, trekking! Isso é que vou fazer. Se a teacher tá pensando que vou ler essa droga de livro e deixar de me divertir, tá muito enganada!

O Nando é um dos meus melhores amigos. Com 17 anos, tem um metro e noventa de altura e pesa mais de noventa quilos. Mas é de puro músculo. Um monstro. Capaz de arrebentar alguém com um só murro. Mas o Nando é a pessoa mais pacata do mundo. A não ser quando alguém o provoca ou se mete com seus amigos. Como aconteceu quando o Marcelo, por uma discussão à toa, invocou comigo. Não gosto de briga, aliás, detesto briga, mas não ia me acovardar com o idiota. Mesmo tendo certeza de que ia apanhar como cachorro vadio. Quando o Nando soube da história, chamou o Marcelo de lado e disse:

– Fiquei sabendo que você falou que vai pegar o Joãozinho na rua...

– É isso aí, vou dar umas porradas naquele vacilão.

– Você não vai dar porrada nele coisa nenhuma. Se encostar um dedo no Joãozinho, eu é que te encho a cara de porrada.

Nem preciso dizer que o Marcelo me deixou em paz. Fora em casos como esse, apesar de ser grande e muito forte, nunca vi o Nando se meter em briga. O seu negócio é praticar esportes radicais. Ler livros não combina com ele, estudar, nem se fala. Se não fosse a gente dar uma força para o Nando, coitado, ele ainda não tinha saído do ensino fundamental.

Para falar a verdade, acho que o Nando é meio burrão. Puxa vida, ele deve ter um cérebro de pedra ou um labirinto

cheio de ar dentro da cabeça! Até hoje, por mais que eu explicasse, ele não conseguiu entender de jeito nenhum a diferença entre uma oração adjetiva e uma oração substantiva.

– As duas têm esse maldito “que”, pô! Como é que vou saber a diferença? – reclamava, furioso, quando errava mais um exercício.

– São “quês” diferentes, cara! É só pensar um pouquinho – eu rebatia, dando um toc-toc em sua cabeça dura como uma rocha.

E lá ia ele sem saber a diferença entre uma adjetiva e uma substantiva... Com as outras matérias acontecia a mesmíssima coisa. Mas é impossível não gostar do Nando. É uma das pessoas mais generosas que conheço, sempre disposto a ajudar os amigos. Pacato desse jeito, só saía do sério quando os professores pediam coisas que ele achava despropositadas. Como aquela de ter que ler um livro inteirinho durante as férias! O Nando ficava furioso. Do seu ponto de vista, isso era uma provocação...

O negócio do Nando, como eu disse, é esporte radical. Assiste a quase todos os programas que passam nos canais esportivos. Gosta mesmo daquele aventureiro inglês, o Bear Grylls, que conta histórias incríveis de como sobreviver nos lugares mais inóspitos do planeta.

Eu já imaginava, portanto, que o Nando ia ficar maluco se tivesse que ler *A cidade e as serras* por conta própria. Dei um tapinha no ombro dele:

– Não esquenta não, mano, que te ajudo a ler o livro.

– Isso mesmo, Nando, o Joãozinho quebra seu galho – apoiou o Jayme.

O Jayme é outro grande amigo meu. Mas não sei exatamente qual é a dele. Ele vai superbem na escola, mas não gosta de nenhuma matéria em particular. Passa de ano quase sem

estudar porque, além de ser inteligente, lê bastante. O Jayme é capaz de falar sobre qualquer coisa com a maior facilidade, mas parece que nada o prende de verdade. Durante algum tempo, sei que ele andou se interessando pela evolução da ciência, da tecnologia, da medicina. Leu vários livros sobre esses assuntos. Depois, acho que cansou. Hoje, para falar a verdade, não sei qual é seu tipo de leitura preferido. Não que ele reclame dos livros que a professora Nina indica. Lê os romances, os livros de poesia, mas sem mostrar muito entusiasmo.

O que parece que o Jayme anda curtindo atualmente é a internet. Passa horas navegando por sites de relacionamento, blogs e tudo o que estiver no mundo virtual. Até aí, todo mundo faz isso. Só que o caso do Jayme já é vício! Ele fica quase 24 horas conectado. Mas talvez essa onda passe logo, porque nunca vi pessoa mais instável. Quando se apaixona por algo, não existe outra coisa no mundo. Mas, como suas paixões são de curta duração, troca de hobbies, de leituras e de namoradas como quem troca de roupa...

Somos amigos inseparáveis. Os três mosqueteiros. Onde está um, estão os outros. Mas, como não é difícil perceber, somos bem diferentes. Ao contrário do Jayme e do Nando, leio tudo o que passa pelas minhas mãos. Gosto principalmente de literatura. Mas também leio sobre política e história, coisas que me interessam bastante. E até agora continuo firme com essa paixão. Tenho até uma pequena biblioteca em casa, com os livros do Eça de Queirós, do Machado de Assis, do Jorge Amado, do Mark Twain, do Edgar Allan Poe, do Leon Tolstói, do Gustave Flaubert, do Leo Huberman... E, falando com sinceridade, apesar de dar minhas caminhadas e nadar um pouco, não gosto de esportes radicais. Até navego pela internet para fazer minhas pesquisas da escola, mas não tenho paciência de ficar horas na frente do computador.

Somos também diferentes quanto ao dinheiro. Como meu pai não ganha muito, só estudo no São Gonçalo porque minha mãe é professora de matemática do ensino fundamental e, por isso, ganhei bolsa. O pai do Nando está numa situação financeira melhor do que o meu, mas paga a escola com muito sacrifício. Quanto ao Jayme, o que mais a família dele tem é dinheiro. E quando eu falo dinheiro, quero dizer muito dinheiro *mesmo*.

O pai do Jayme é dono da BIF – a Barcellos Indústrias de Fertilizantes –, uma das maiores fábricas produtoras de adubo do estado de São Paulo. Por isso mesmo, meu amigo sempre teve tudo o que quis e, provavelmente, sempre terá o que quiser na vida. Por exemplo: basta o Jayme dizer “Pai, me dá uma Harley-Davidson?” que, antes que alguém fale “paralelepípedo”, o pai dele aparece com uma reluzente Road King Classic de 1584 cilindradas. Se eu pedir para meu pai me dar uma Yamaha 125 usada, ele é capaz de soltar uma risada e dizer, enfiando a mão no bolso:

– É pra já, garoto. Vou te dar o dinheiro. Só me traz o troco pra eu comprar o pãozinho pro café.

E o Jayme *tem* uma Harley, que ele ganhou no último aniversário, apesar de ter feito apenas 17 anos. Por enquanto, até atingir a maioridade, meu amigo só pode dirigir a moto no pátio da fábrica do pai. Durante algum tempo ele até curtiu bastante o novo brinquedo, mas logo cansou. E a Harley, por isso, fica guardada num dos galpões da fábrica. E parece que, ao completar 18 anos, o Jayme vai ganhar um carro. Uma BMW! E ele não está nem aí com a notícia...

Moramos todos muito próximos, no Tatuapé. Mas enquanto eu moro num sobradinho geminado na Serra do Japi, e o Nando num apartamento de três quartos na Vilela, a família do Jayme comprou um dúplex de cobertura, de oitocentos

metros quadrados, no Anália Franco. Meu pai tem um Corsa velho, o do Nando, um Astra, e o do Jayme, uma Pathfinder, uma Mercedes, uma Ferrari, uma caminhonete Hylux...

Essa diferença não impede que a gente seja muito amigo. O Jayme não faz nenhuma questão de mostrar que é rico. E nem dá importância para as coisas que ganha. Eu soube da Harley-Davidson só porque um dia vi a mãe dele perguntar:

– Ô Jayme, como é, você não vai mais passear com a moto? Seu pai disse que você não tem aparecido na fábrica pra andar...

– Ah, mãe, uma hora eu vou...

– Desde que você ganhou a Harley, vi você andando com ela tão poucas vezes... – ela notou.

Não era de se esperar que um garoto que, aos 17 anos, ganhasse uma Harley-Davidson de presente fosse falar para todo mundo da novidade? Ou que passasse a maior parte do tempo andando com ela? Não o Jayme. Ele não liga para esse tipo de coisa. Por isso é que a gente tem uma amizade tão forte. Se ele fosse convencido, exibido, eu ia querer distância!

Então, como amigos inseparáveis, a gente não podia deixar o coitado do Nando na mão. Era nossa obrigação ajudá-lo a ler *A cidade e as serras* durante as férias. Como o pai do Jayme tinha uma casa em Ilhabela, combinamos de passar uma semana lá, curtindo a praia e lendo o livro. Assim, podíamos unir o útil ao agradável: além de Ilhabela ser uma maravilha, a gente ainda fazia o trabalho da escola juntos.

Na última aula antes das férias, acertamos os últimos detalhes:

– Quando é que vamos para a praia? – perguntei.

O Jayme pensou um pouco e propôs: